



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
sessão de encerramento do Seminário Empresarial Brasil-Quênia**

Nairóbi-Quênia, 06 de julho de 2010

Para não dizerem que o Brasil quer apenas vender ao Quênia, eu vou entregar ao Vice-Presidente um livro ensinando como exportar para o Brasil, para que o Quênia possa vender para o Brasil.

Esta foto nunca é publicada, mas vale para o arquivo do Stuckert. Eu, quando era dirigente sindical, que eu ia falar e que tinha muitos microfones na mesa, eu sabia que tinha alguns que não funcionavam. Eu, aqui, não sei se eu falo para o vermelho, não sei se o mais importante é esse aqui, da televisão, mas...

Primeiro dizer da alegria de poder estar aqui, em Nairóbi, participando de uma reunião, ainda que pequena, mas uma reunião de empresário brasileiros e empresários quenianos. Certamente, se fosse em Paris, nós teríamos uns mil empresários brasileiros e uns 250 franceses; se fosse em Londres, mais ou menos, a mesma coisa; se fosse em Nova York, teríamos mil a mil; se fosse na Alemanha, mil a mil; como nós estamos no continente africano, é de se compreender que ainda há incompreensões, e eu diria até desconhecimento do potencial e das possibilidades que nós temos de fazer negócio com os países africanos e, conseqüentemente, os africanos fazerem negócios com o Brasil e com países sul-americanos. Há uma razão: nós somos tidos como países pobres ou países emergentes. Agora, o Brasil, em uma linha mais sofisticada, está nos Bric's. Mas de qualquer forma, nós ainda somos tratados como países em desenvolvimento e, em alguns, somos tratados ainda como países subdesenvolvidos. E são exatamente essas definições e essas análises econômicas que me fizeram, desde o dia 1º [de janeiro] de 2003, fazer uma inflexão no comportamento do governo brasileiro e diversificar a rota das



nossas viagens para descobrir novos parceiros e para fazermos novos negócios.

É importante que os companheiros do Quênia saibam que, quando começamos a fazer isso, éramos tratados por alguns como se fôssemos loucos: “Onde já se viu o Presidente do Brasil fazer viagem para a África, fazer viagem para o Caribe, fazer viagem para a América Central, priorizar a sua relação com a América do Sul, visitar países árabes que, até então, só o Imperador tinha visitado, em 1870?”. Porque, habitualmente, todas as nossas relações eram com o chamado mundo desenvolvido e, mais recentemente, com a China, ainda tínhamos muito pouco com a Índia, e o Japão estava em um processo de descenso. Bem, o que aconteceu de verdade? Nós saímos de um fluxo de balança comercial de 5 bilhões, com a África, para 25 bilhões; nós saímos de um fluxo de balança comercial de 2 bilhões, com o Mundo Árabe, para 20 bilhões para o Mundo Árabe; e nós transformamos a América Latina e o Caribe nos maiores parceiros comerciais do Brasil.

Isso teve uma importância muito grande quando houve a crise mundial, a crise do *subprime*, nos Estados Unidos, em que o crédito desapareceu e o comércio diminuiu muito. É verdade que, no Brasil, ele também diminuiu, mas é verdade que ele diminuiu menos, porque nós tínhamos diversificado muito a nossa balança comercial. E aí é que entra a importância de recuperarmos um ditado popular que nós aprendemos desde pequenos: “De grão em grão, a galinha enche o papo”. Ela não consegue comer dez grãos de uma vez, é um a um, e, daqui a pouco, a galinha está tão gorda que a gente se vê no afã de comê-la.

Pois bem, nós estamos nessa política com o continente africano, em primeiro lugar, de grão em grão; nós estamos descobrindo que nós existimos; estamos descobrindo que cada um de nós, dentre as suas peculiaridades, tem potencial extraordinário; nós estamos descobrindo que cada país, por menor que seja, tem alguma coisa a oferecer a outro e, portanto, ele tem possibilidade



de estabelecer o desenvolvimento comercial que possa gerar desenvolvimento interno do seu país, crescimento econômico, e fazer com que os países possam participar da economia determinada pelos grandes países como uma economia desenvolvida nesse mundo globalizado.

E, aí, é importante... Você foi muito gentil, (incompreensível). Eu vou colocar aqui na expectativa de que o Ivan Ramalho não tome a minha água. E aí é importante a gente descobrir a nossa origem, ou melhor, não esquecer a nossa origem, não esquecer como é que nós começamos a nossa vida econômica, não esquecer nunca que todos nós fomos colonizados e, parte do que aconteceu conosco, sobretudo de atraso, foi por conta do sistema de colonização a que nós fomos submetidos.

Então, muitos países no continente africano estão tendo experiência de independência a partir de 1975, outros a partir dos anos 60, lembrando que alguns, depois que conquistaram a independência, entraram em uma guerra civil interna pior do que a luta pela independência, o que destruiu parte da economia de muitos países africanos. É importante a gente lembrar isso para a gente lembrar o quão tão pouco tempo nós estamos construindo a democracia no continente africano e no continente sul-americano.

Eu dizia ontem, no avião, que o Brasil vive hoje, talvez, o mais longo período de democracia contínua – talvez 25 anos –, porque o Brasil também, vira e mexe, alguém inventava dar um golpe, alguém inventava tirar um presidente eleito democraticamente, vira e mexe acontecia isso. Nós agora estamos vivendo um período mais longo, depois que fizemos a Constituição de [19]88, e aí acontece com quase todos os países da América do Sul e acontece com a África. Eu estou querendo dizer com isso é que nós somos muito, muito jovens na confecção da nossa democracia e que, portanto, foram aqueles que nos colonizaram que determinaram o tipo de coisa que deveria acontecer conosco. E, muitas vezes, nós ainda temos, hoje, a economia dependente daqueles que nos colonizaram.



Então, o que nós estamos fazendo aqui é uma coisa, na minha opinião, mais do que revolucionária. O que nós estamos fazendo aqui é dizendo: Brasil e Quênia têm histórias comuns – um foi descoberto, um foi colonizado pelos ingleses; outro foi colonizado pelos portugueses, mas a tentativa dos colonizadores era uma só, era levar tudo o que pudesse levar da riqueza que nossos países tinham. No caso do Brasil era mais grave, porque levava o nosso ouro para poder dar para a Inglaterra e viver com a renda do nosso ouro.

Ora, então nós temos pouquíssimo tempo de experiência empresarial; nós temos pouquíssimo tempo de experiência comercial; nós tivemos pouquíssimo tempo de desenvolvimento científico e tecnológico; nós tivemos pouquíssimo tempo de construir as nossas universidades, as nossas escolas profissionais, ou seja, nós somos um conjunto de povos com menos formação do que outros. Bolonha teve a primeira universidade em 1380, o Brasil teve a primeira no século XX.

Então, veja, nós não podemos ficar reclamando o que não aconteceu até ontem. E que essa reunião seja o começo para a gente começar a discutir o que a gente quer a partir de hoje, a partir de ontem ou a partir de amanhã, o que o Quênia tem que o Brasil não tem, e o que o Brasil pode aproveitar como experiência. Porque não pode ser uma relação sadia o Brasil, por ser uma maior economia; o Brasil, por ter mais tecnologia, querer vir ao Quênia só para vender. Nenhum país do mundo aguenta só comprar. É preciso que essa boa política entre dois países e essa política comercial seja uma via de duas mãos, em que a gente compra e a gente vende, em que a gente produz e a gente transfere tecnologia, em que um ensina o outro aquilo que tem de *expertise*, e os dois países podem crescer.

Eu penso que depois desta viagem que estamos fazendo aqui, e a gente sabe a importância do continente africano, são 800 milhões de habitantes; a gente sabe do potencial deste continente de produzir alimento para sustentar uma outra parte do continente que não tem mais terra para produzir alimento; a



gente sabe, ainda, a quantidade de riquezas minerais que tem neste continente. E aí, sim, é que é preciso tomar cuidado para que a exploração desses minérios não se dê como se deu no começo do século XX, de forma totalmente predatória, em que o país mais rico tirava tudo e pagava quase nada. É preciso estabelecer uma nova relação, uma nova fase de respeito, um novo marco jurídico que garanta o direito de sobrevivência.

E é por isso que nós dizemos aqui... Eu dizia ao Presidente do Quênia que o Brasil é um país muito diversificado, ou seja, nós temos regiões muito pobres no Brasil e, ao mesmo tempo, nós temos regiões muito ricas no Brasil. O Brasil é um país que tem a segunda ou a primeira mineradora do mundo; o Brasil é um país que é o maior produtor e vendedor de suco de laranja do mundo; o Brasil é o maior vendedor de carne de frango do mundo; o Brasil é o maior vendedor de carne de boi do mundo; o Brasil é o que tem mais tecnologia na produção de etanol e de biodiesel; o Brasil é o terceiro produtor de avião do mundo; o Brasil é o quinto produtor de carros do mundo. Ou seja, o Brasil é um país... é uma mistura de um país sofisticado tecnologicamente e uma mistura de um país esquecido, que é a parte mais pobre do Brasil, que é o Norte e o Nordeste brasileiro. É esse país que quer se irmanar ao Quênia; é esse país que quer trazer pra cá a nossa experiência na produção de etanol, na produção de açúcar, na produção de biocombustível ou de biodiesel, com a palma africana; é esse país que, como a Marcopolo, pode vir aqui montar carroceria de ônibus e montar ônibus. E não é apenas pensar no Quênia como um país de 39 milhões de habitantes, é pensar no Quênia e em uma quantidade de vizinhos enormes que formam uma população de quase 130 milhões de habitantes e que, portanto, existe espaço para que as empresas brasileiras aqui se implantem, em parcerias com empresas quenianas e com empresas de outros países, e que a gente comece a produzir coisas para vender para outros países.



Porque para que o Brasil equilibre o seu comércio com o Quênia, o Brasil precisa comprar coisas do Quênia, e para comprar coisas do Quênia, nós temos que saber o que vocês produzem ou o que vocês podem produzir. Porque empresas brasileiras podem vir aqui produzir para vender para o Brasil ou, quem sabe, empresas brasileiras podem se juntar a empresas quenianas para vender para a Europa, para vender para o Oriente Médio, para vender para a China, para vender para a Índia.

O dado concreto é que nós estamos nos descobrindo agora. Eu tenho certeza de que o Quênia não conhece 10% do que o Brasil pode oferecer e tenho certeza de que o Brasil não conhece 10% do que o Quênia pode oferecer. Então, nós precisamos, a partir desta viagem, meu caro Ivan, meu caro Celso Amorim, levar empresários quenianos ao Brasil, trazer mais empresários brasileiros ao Quênia, levar ministros do Quênia ao Brasil, trazer mais ministros brasileiros ao Quênia, fazer levantamentos de oportunidades: o que existe aqui capaz de ser explorado por indústrias mistas; o que pode ser feito aqui de infraestrutura que o Brasil pode contribuir, que o Brasil pode financiar.

Eu acho que o que nós estamos fazendo aqui é mais do que a gente sair daqui fazendo um bom negócio, mas é a gente sair daqui com a certeza da quantidade de bons negócios que a gente pode fazer daqui para frente. Quantas coisas podem acontecer daqui para frente. Por exemplo, a Vale do Rio Doce, que eu estou vendo aqui o Roger Agnelli, que é uma das maiores mineradoras do mundo, já está em Moçambique, e está para ficar, não sei se está no Gabão, mas também está lá.

Ora, é importante conversar com o governo do Quênia, ver o que é que existe neste país que pode ser trabalhado em parceria. É preciso que as empresas de construção civil brasileiras discutam com o governo do Quênia o que é possível fazer e onde o governo brasileiro pode financiar. Porque uma coisa que também tem que ficar clara é que o Brasil não é mais um país



receptor, um país pobrezinho, que não pode fazer nada. O nosso Banco de Desenvolvimento tem mais dinheiro do que o Banco Mundial, portanto, a gente pode financiar, a gente pode ajudar a financiar. O problema é que o século XX inteiro o Brasil passou apenas esperando que os outros ajudassem o Brasil, e não adquiriu a cultura de que virou uma economia grande.

Nós, hoje, somos um país que somos a 7ª reserva mundial, só tem seis países que têm mais reservas do que o Brasil. Nós temos US\$ 250 bilhões de reservas. Aliás, somos credores do FMI, eles nos devem US\$ 14 bilhões. Se você não sabe, (incompreensível), nós emprestamos dinheiro para a Grécia primeiro do que a Alemanha, que tinha mais responsabilidade.

Então, eu acho que essa reunião aqui, companheiros, é o começo de uma nova era entre Quênia e Brasil. Isso aqui é um país grande. O potencial turístico que existe entre os dois países é extraordinário. Agora, o Celso tem razão de reclamar todo santo dia: para as pessoas virem aqui precisa ter empresa de aviação, e as empresas brasileiras só querem ir para Paris, só querem ir para Londres, só querem – é verdade – só querem ir para Roma, para Nova York, e quando passa no continente africano, se puder, até fecham os olhos. E essa é uma briga que nós vamos ter que fazer antes de eu deixar o governo, para a gente ter avião brasileiro voando para a África. E a verdade é que se ficar por conta da decisão apenas de mercado, eles não querem vir. Porque antigamente a gente aprendia que o empresário, ele primeiro fazia o investimento, não ganhava nada e levava um tempo para ele começar a recuperar o investimento feito. Mas, hoje, nesse mundo moderno, o empresário quer ganhar sem investir. É... Ele já quer ter o retorno, ou seja, ele já quer que no primeiro voo o avião já esteja lotado. Não é assim! Nem na vida da gente, nem quando a gente casa, o casamento não está completo no primeiro dia, ele vai se completando com o tempo.

Então, companheiros e companheiras do Quênia, eu quero dizer para vocês que o Brasil tem muito, o Brasil tem muito a oferecer, sobretudo na



questão da agricultura. Apenas um item que eu acho que tem muita semelhança entre uma parte do continente africano e uma parte brasileira: a savana africana tem o mesmo potencial agrícola do cerrado brasileiro. Os empresários brasileiros sabem que, há 40 anos, quem passava de carro em uma estrada perto do cerrado falava: “essa terra não presta para nada, porque nem a árvore cresce!”, e com um pouco de tecnologia nós transformamos o cerrado na terra mais produtora de grãos do mundo, e eu acho que a savana africana pode ter o mesmo significado.

O Brasil pode ajudar, e é por isso que nós estamos aqui. Para dizer para vocês: esse é apenas o começo de uma nova era na relação entre Brasil e Quênia, por isso, “boa sorte” a todos os empresários que vieram até aqui. Quero agradecer aos empresários brasileiros que vieram, quero agradecer aos empresários do Quênia, e quero dizer que se vocês visitarem mais os países, vocês vão perceber a quantidade de negócios que a gente pode fazer.

Um abraço e boa sorte.

(\$211B)